

# George Orwell: anti-imperialista, socialista e patriota (1927-1942)

J. Carlos Viana Ferreira

FLUL; CEAUL/ULICES

Uma das facetas mais fecundas do legado intelectual do Prof. Fernando de Mello Moser consistiu na primazia atribuída aos textos ensaísticos de índole não-literária enquanto objecto de estudo da especialidade de Cultura Inglesa. Desde logo, a contextualização e a interdisciplinaridade assumiam-se como princípios estruturantes da investigação, mas foi a ênfase colocada em textos ensaísticos de cariz não-literário que desempenhou um papel decisivo na autonomização dos estudos de cultura inglesa. Constituindo George Orwell um dos ensaístas mais exímios do século XX, facilmente se compreenderá que aproveite este ensejo, proporcionado pelo Tributo ao Prof. Fernando de Mello Moser, para destacar algumas particularidades inesperadas do percurso orwelliano.

Com efeito, situando-nos no dealbar da Segunda Guerra Mundial e lançando um olhar retrospectivo sobre a vida de George Orwell, apercebemo-nos de que o ensaísta que viria a desenvolver um patriotismo quase místico por Inglaterra e se tornaria ele próprio símbolo de inglesismo nasceu em Bengala em 1903, na Índia britânica, e não em Inglaterra, no que imitou um outro símbolo do patriotismo imperial inglês como Rudyard Kipling, nascido em Bombáim. Em segundo lugar,

o filho da classe média anglo-indiana que recebera uma educação de elite na *public school* de Eton, vincando a elevada missão civilizadora que a Providência cometera à superior “raça anglo-saxônica”, alistou-se na polícia imperial indiana e demitiu-se cinco anos volvidos, transformando-se num dos principais críticos do Império Britânico nos seus artigos e no romance *Burmese Days*, publicado em 1934, abraçando uma posição contestatária vagamente socialista. Por último, este anti-imperialista e socialista, combatente pela República na Guerra Civil de Espanha e, regressado a Inglaterra em 1937, defensor do pacifismo face à ameaça nazi, abandonou estas posições e, em 1940, assumiu publicamente o seu patriotismo e apoio ao Império contra a Alemanha nazi e a Itália fascista, num momento de emergência nacional. Torna-se, por isso, pertinente indagarmos os motivos destas posições antitéticas.

Eric Arthur Blair (1903-1950), mais conhecido pelo pseudónimo de George Orwell, nasceu numa época em que o poderio do Império Britânico se encontrava no auge, apesar de o revés sofrido na guerra contra os Bóeres (1899-1902) ter terminado com o período de exaltação nacionalista conhecida por jingoísmo. Antes da Primeira Guerra Mundial o Império estendia-se por um quarto do globo terrestre e continha cerca de 400 milhões de pessoas, das quais 41 milhões no Reino Unido e quase 300 milhões na Índia (Hyam: 48). Era o tempo do Novo Imperialismo, do fardo do homem branco, da missão civilizadora atribuída pela Providência, da superioridade racial supostamente comprovada pelos princípios do darwinismo social, e ainda do “imperialismo construtivo” de Joseph Chamberlain, para quem as colónias tropicais se assemelhavam a propriedades ao abandono que urgia desenvolver.

Comparado por Orwell (CW XII: 100) a uma fábrica, o sistema educativo inglês produzia soldados, funcionários públicos e administradores para o desempenho de tarefas variadas e complementares no âmbito do Império, incutindo-lhes um conjunto de valores como a autodisciplina, o altruísmo, a noção de serviço, o espírito de missão e, em especial, o patriotismo num ambiente militarista. Segundo Orwell (270), a maioria da classe média era preparada para a guerra desde o berço, recebendo instrução militar e moral (ou ideológica, como hoje diríamos) na escola primária de St. Cyprian e na *public school* de

Eton, cuja frequência o autor garantiu por ter granjeado uma bolsa. No entanto, apesar da forte doutrinação patriótica, já em 1918 tinha alastrado entre os mais jovens uma onda de pacifismo e de contestação das gerações mais antigas, assim explicando que, três anos mais tarde, Orwell se tivesse autotranscrito como um pedante, um revolucionário e opositor a todas as formas de autoridade; um socialista, mas sem noção do que o socialismo significava nem de que a classe trabalhadora fosse constituída por seres humanos (*Road*: 122).

Foi este jovem opositor da autoridade que, após concurso à função pública indiana (Indian Civil Service), conseguiu alistar-se em 1922 na Polícia Imperial, tendo sido destacado para a Birmânia, que, na época, fazia parte da Índia e ainda não conhecia um movimento nacionalista e anticolonial tão vigoroso como o dirigido pelo Partido do Congresso indiano. Estudos recentes (Stockwell: 466-467; Newsinger: 27-28) apontam o papel desempenhado pela Associação de Jovens Budistas (YMBA), fundada em 1906, e a agitação desencadeada pelos monges budistas na década de 1920, que canalizaram o descontentamento dos camponeses do delta do rio Irrawaddy para fomentar um movimento revivalista religioso de cariz acentuadamente anticolonial, culminando na revolta de Hsaya San em 1930, brutalmente reprimida pelos britânicos e causando “três mil rebeldes mortos ou feridos, oito mil detidos e cento e vinte e oito executados” (Newsinger: 35).

Num dos seus primeiros artigos publicados num periódico francês em 1929, subordinado ao título “How a Nation Is Exploited: The British Empire in Burma”, Orwell referia a apatia política reinante, apesar de o Império Britânico roubar a Birmânia de forma despidorada (CW X: 145). Devido à abundância de recursos naturais como madeira, petróleo, estanho, tungsténio, jade, rubis e os férteis campos de arroz, os camponeses ainda não tinham consciência da exploração a que se encontravam sujeitos. Por enquanto. Em breve, segundo Orwell (146), quando os birmaneses fossem expropriados das suas terras e reduzidos a uma situação de semiescravidão ao serviço do capitalismo, aperceber-se-iam então de que os poços de petróleo, as minas e o cultivo e comércio do arroz eram todos controlados pelos britânicos. Estes construíam estradas, canais, hospitais, escolas, e asseguravam o respeito pela lei, mas isso não ocultava o despotismo exercido pelos ingleses

nem a sua dupla exploração da Birmânia: por um lado, pilhavam os recursos naturais e, por outro, arrogavam-se o direito exclusivo de lhe fornecer os produtos manufacturados de que aquela necessitava (146-147).

Esta análise de Orwell resultou do facto extremamente raro de o período de cinco anos que cumpriu como agente de polícia o ter transformado num anti-imperialista, num opositor inabalável do Império Britânico, que passou a merecer-lhe vivo repúdio. Como confessou em *The Road to Wigan Pier* (126), publicado em 1937, para odiar o imperialismo tinha de se fazer parte dele e assistir ao trabalho sujo efectuado pela polícia e por toda a engrenagem da chamada Justiça. Os rostos pardacentos dos reclusos miseráveis acorados nas celas exíguas e nauseabundas; a insensibilidade, o vazio e uma atmosfera surreal que envolviam os enforcamentos (CW X: 207) – tudo isto contribuiu para alimentar uma amargura intensa e uma repugnância indescritível por toda essa mistificação do fardo do Homem Branco e pela “Pox Britannica”, como ironizou Flory, o protagonista do romance *Burmese Days* (40). O Império Britânico consistia num despotismo, porventura benevolente, mas não passava de um expediente para atribuir monopólios aos ingleses e explorar os indígenas (38).

O amadurecimento político de Orwell verificou-se, assim, com a tomada de consciência gradual da natureza opressiva do imperialismo britânico, pois, segundo o próprio, era impossível fazer parte do sistema e não reconhecer que se tratava de uma tirania injustificável (*Road*: 126), suscitando um forte sentimento de culpa na maioria dos anglo-indianos. Esta consciência pesada, que se não podia exprimir por receio de represálias, derivava de um conflito moral insanável entre, por um lado, o repúdio do Império Britânico e, por outro, o cumprimento das obrigações profissionais (CW X: 501-502): “All I knew was that I was stuck between my hatred of the empire I served and my rage against the evil-spirited little beasts who tried to make my job impossible.”

Uma parte da sua mente rejeitava o despotismo imperial britânico, ao passo que a outra se regozijava com o prazer imaginário que sentiria ao enfiar uma baioneta nas tripas dos monges budistas (502). Orwell sentia a mesma sensação de ambivalência ou esquizofrenia

política, assim designada por um outro funcionário imperial, Leonard Woolf, que se demitira em Abril de 1912 do Ceylon Civil Service e se tornaria um anti-imperialista, como tive já a oportunidade de mostrar num outro estudo (Ferreira: 531-532). O sentimento de culpa intensificou-se de tal forma que, num período de licença em Inglaterra, Orwell apresentou a demissão em 1927 como forma de ultrapassar o dilema que o mortificava e resolveu ir viver no seio da classe trabalhadora, partilhando a miséria de vagabundos, pedintes, prostitutas e criminosos (*Road*: 130-131). E, muito embora se não interessasse pelo socialismo ou por qualquer outra teoria económica, Orwell apercebeu-se de que não era necessário viajar até à Birmânia para descobrir a tirania e a exploração do homem pelo homem, pois a classe trabalhadora inglesa vivia em condições tão miseráveis como os orientais (106, 130): “The road from Mandalay to Wigan is a long one [...]”

A demissão em 1927 assinala o início da longa caminhada de Orwell para a ideia de socialismo, primeiro através da convivência com os miseráveis de Londres e Paris, relatada em *Down and Out in Paris and London* (1933), e depois com comunidades mineiras do norte de Inglaterra, que originou *The Road to Wigan Pier*, vindo a lume em Março de 1937, já Orwell se encontrava a combater na Guerra Civil de Espanha. Numa época em que a palavra “desemprego” andava na boca de toda a gente e o fascismo se lançava ao assalto das democracias, o socialismo a um nível mundial representava para Orwell uma solução fruto do mais elementar bom senso, que deveria estar a consolidar-se por consenso generalizado (*Road*: 149-150). Porém, apesar de dispor de tanto a seu favor, pois “cada estômago vazio era um argumento favorável”, a ideia de socialismo exercia ainda menos influência do que dez anos antes, pelo que interessava apurar as causas da sua perda de atracção.

Assim, em primeiro lugar, o socialismo era uma teoria confinada à classe média, pelo que o socialista típico não pertencia à classe trabalhadora, mas às profissões de colarinho branco, além de incluir excêntricos de variado jaez: “[...] every fruit-juice drinker, nudist, sandal-wearer, sex-maniac, Quaker, ‘Nature Cure’ quack, pacifist and feminist in England” (152). Além disso, apesar de muitos dos socialistas da classe média ansiarem por uma sociedade sem classes, agarravam-se como lapas aos seus sinais de prestígio social e utilizavam uma

linguagem técnica (“ideologia”, “consciência de classe”, “solidariedade proletária”, por exemplo) bastante afastada da linguagem comum preferida pela classe trabalhadora. Para esta, socialismo significava justiça e respeitabilidade (“justice and common decency”) (154).

Segundo Orwell, na difícil situação política em que a Europa se encontrava em 1937 e para obstar ao perigo de domínio fascista, urgia criar um partido socialista eficaz, com genuínas intenções revolucionárias e numericamente significativo, que lutasse por concretizar os objectivos essenciais do socialismo, isto é, a justiça e a liberdade (202). Por isso, em Junho de 1938 inscreveu-se no Partido Trabalhista Independente, situado à esquerda do Partido Trabalhista, por ser provável que defendesse uma posição correcta, quer contra a guerra imperialista que se avizinhava, quer contra o fascismo quando este surgisse na versão inglesa (CW XI: 168). O fascismo e o nazismo assentavam na desigualdade, na pretensa superioridade da raça ariana, ao passo que o socialismo visava um estado mundial composto por seres humanos livres e iguais, como se lê em *The Lion and the Unicorn*, vindo a lume em 1941 (76).

Nesta obra, com o subtítulo *Socialism and the English Genius*, Orwell aproveitou o ensejo para melhor caracterizar a sua concepção de socialismo e apresentar um plano de acção. Definir socialismo como “propriedade colectiva dos meios de produção” era insuficiente, devendo acrescentar-se igualdade aproximada de rendimentos, democracia política e abolição de todos os privilégios hereditários, em particular no concernente à educação, o que não deixa de ser muito significativo da parte de um antigo aluno da escola elitista de Eton. Essas adendas funcionariam como salvaguardas contra o reaparecimento do sistema de classes, pois “propriedade colectiva” pouco significava se a massa do povo não tivesse um nível de vida aproximado e não dispusesse de uma forma de controlo do governo, pelo que também se excluía a ditadura de uma única classe (74-75). Como a guerra constituía o maior dos agentes de mudança, guerra e revolução andavam de mãos dadas, pois a vitória sobre Hitler implicava o estabelecimento do socialismo e vice-versa, e a situação de guerra em que a Inglaterra se encontrava propiciava uma transformação revolucionária (84):

It is only by revolution that the native genius of the English people can be set free. Revolution does not mean red flags and street fighting; it means a fundamental shift of power.

Orwell, o socialista revolucionário influenciado pela sua experiência na Catalunha, previa que o derramamento de sangue dependeria das circunstâncias locais e da resistência das classes privilegiadas, no âmbito de uma luta política amarga, com sabotagens e focos de violência, pelo que se impunha uma revolta aberta e consciente do povo em geral contra a ineficiência, os privilégios de classe e o governo dos mais velhos (84-5). No sentido de contribuir para a revolução que se encontrava a caminho, Orwell propôs um programa de seis pontos, em que os três primeiros continham as seguintes medidas de política interna: 1.º – nacionalização das terras, minas, caminhos-de-ferro, bancos e indústrias principais; 2.º – limitação de rendimentos, em que o mais elevado não pudesse exceder o mais baixo numa razão superior a 10 para 1; 3.º – reforma do sistema educativo numa perspectiva democrática.

Orwell estava consciente das inúmeras dificuldades e entraves envolvidos nesse programa que hostilizava banqueiros, proprietários fundiários, grandes industriais e homens de negócios, e que não deixaria de afectar a classe média, mas como um movimento socialista inteligente recorreria ao patriotismo dessas pessoas, em vez de o insultar, acreditou que o patriotismo se revelaria mais forte do que o ódio de classe (103). Durante a década de 1930, os intelectuais de esquerda cometeram o erro estratégico de escarnecerem do sentimento patriótico do povo inglês e favorecerem o internacionalismo marxizante, assim aprofundando o fosso que os separava da classe trabalhadora. Para Orwell, o patriotismo nada tinha que ver com o conservadorismo, consistindo mesmo no seu oposto (115): “[...] it is a devotion to something that is always changing and yet is felt to be mystically the same”. Apesar de assumir formas diferentes para as várias classes, o patriotismo constituía um fio condutor (“connecting thread”) entre quase todas elas (49).

Convém acrescentar que, até 1 de Outubro de 1940, Orwell não se revelara particularmente sensível à questão patriótica e, embora não

comungasse do desdém dos intelectuais de esquerda, também ele atribuía maior significado à necessidade de se evitar uma guerra imperialista e de travar o avanço do fascismo. Todavia, como confessou no artigo “My Country Right or Left”, teve um sonho na noite anterior ao anúncio do Pacto germano-soviético que o tornou consciente de ser um verdadeiro patriota disposto a lutar pelo seu país (CW XII: 271), estado de alma compreensível pelo longo treino de patriotismo a que fora submetido desde a idade escolar.

Mas, além deste aspecto pessoal, saliente-se que a reivindicação do fenómeno patriótico para a esquerda tem sustentação histórica nas estreitas relações estabelecidas com vários movimentos radicais oposicionistas que, pelo menos desde o século XVIII, se autoproclamaram como os verdadeiros defensores dos elevados interesses da Pátria inglesa contra as várias formas de corrupção praticadas pelos governos. Foi o caso do movimento de várias décadas pela reforma do sistema eleitoral e eliminação das circunscrições eleitorais “fantasma” ou “rotten boroughs”, desde a agitação provocada por Wilkes na década de 1770, passando pelas associações de trabalhadores acusadas de jacobinismo no período da guerra contra a França napoleónica, e culminando no Cartismo.

Muito haverá ainda a aprofundar, mas, antes de concluir, importa sublinhar que o patriotismo constituía para Orwell um meio poderoso para o êxito de um governo socialista revolucionário, pois, na qualidade de aglutinador dos interesses das classes média e trabalhadora, em particular, superava a rivalidade classista e promovia a coesão nacional necessária para alcançar a vitória sobre o fascismo e o nazismo internacionais, após a qual um governo socialista procederia ao desmantelamento progressivo do Império Britânico em estreita colaboração com os povos colonizados. O internacionalismo proletário revelara-se uma ilusão acarinhada pela intelectualidade, mas sem raízes na esmagadora maioria da população trabalhadora. Em nítido contraste com o patriotismo imperial da época eduardiana, simbolizado por Kipling, este patriotismo de Orwell não era chauvinista nem se alimentava da expansão colonial, promovendo antes a resistência às modernas formas de tirania e a paz entre os povos.



## Obras citadas

- Ferreira, J. Carlos Viana. "Leonard Woolf: A Formação de Um Anti-Imperialista". *A Scholar for All Seasons: Homenagem a João de Almeida Flor*. CEAUL/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2014. 528-539.
- Hyam, Ronald. "The British Empire in the Edwardian Era". *The Oxford History of the British Empire*. Vol. IV: *The Twentieth Century*. Eds. Judith M. Brown e Wm. Roger Louis. Londres: Oxford University Press, 2001. 47-63.
- Newsinger, John. *George Orwell. Uma Biografia Política*. Trad. Fernando Gonçalves. Lisboa: Antígona, 2010.
- Orwell, George. *Burmese Days*. Introdução de Emma Larkin. Note on the Text by Peter Davison. Londres: Penguin, 2009 (1934).
- . *The Complete Works of George Orwell*. Ed. Peter Davison. Vol. X: *A Kind of Compulsion: 1903-1936*; vol. XI: *Facing Unpleasant Facts: 1937-1939*; vol. XII: *A Patriot After All: 1940-1941*. Revised and updated edition, ed. Londres: Secker e Warburg, 2000.
- . *The Road to Wigan Pier*. Harmondsworth: Penguin, 1975 (1937).
- Rodden, John. *The Cambridge Companion to George Orwell*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012 (2007).
- Stockwell, A. J. "Imperialism and Nationalism in South-East Asia". *The Oxford History of the British Empire*. Vol. IV: *The Twentieth Century*. Eds. Judith M. Brown e Wm. Roger Louis. Londres: Oxford University Press, 2001. 465-489.